

FERNANDO PESSOA, O POETA DESCONFIADO: UMA BREVE LEITURA DE *CANCIONEIRO*

Lucelena Ferreira¹

À professora Cleonice Berardinelli, por suas lições encantadas.

RESUMO: Este artigo propõe uma leitura do livro *Cancioneiro*, assinado por Fernando Pessoa, com objetivo de investigar a categoria intelectual do pensamento na escrita do ortônimo, identificada como uma poesia analítica e intelectualizada, tingida pela busca de significados para o Desconhecido.

PALAVRAS-CHAVE: Fernando Pessoa, poesia, pensamento.

FERNANDO PESSOA, THE SKEPTICAL POET: A SHORT READING OF *CANCIONEIRO*

ABSTRACT: This article considers a reading of the book *Cancioneiro*, signed by Fernando Pessoa, in order to investigate the category of thinking in his writing, identified as an analytical and intellectual poetry, dyed by the search of meanings for the Unknown.

KEYWORDS: Fernando Pessoa, poetry, thinking.

1. Introdução

Na leitura de *Cancioneiro*, o poeta me pede os ares (me perde os ares?). Persigo o cheiro do mar.

De outras veredas, avulta o Rosa: “Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa” (1986, p.14). Fernando Pessoa foi poeta desconfiado. Apesar de inventar em verso o conselho “Não procures nem creias: tudo é oculto” (1990a, p.138), insiste, no *Cancioneiro*, em perscrutar o enigma da existência. A desconfiança primordial (ligada à intuição do Mistério) pontua o pensamento de Pessoa or-

1 Doutora em Letras (PUC-Rio/ École de Hautes Études em Sciences Sociales) e Doutora em Educação Brasileira (PUC-Rio). Professora Adjunta do Mestrado em Educação da UNESA/RJ e professora da Pós-Graduação l.s. do Departamento de Letras da PUC-Rio. É pesquisadora do GEALE – PPGE/PUC-Rio (Grupo de Estudos em Antropologia da Leitura e da Escrita). lucelena@terra.com.br

tônimo, aguçando-lhe o “vício de pensar” (BERARDINELLI, 1994, p.47): impulso gerador de inquietude e poesia. Para Berardinelli, o que constitui o cerne do poeta Fernando Pessoa é sua “angústia metafísica” (2008, p.30). Tal condição se desdobra em uma poesia analítica e intelectualizada, que enreda o leitor neste movimento reflexivo, instigando-o

a pensar, a raciocinar, e não apenas a experimentar sentimentos e sensações – pensar e raciocinar sempre na direção de dúvidas e perplexidades que, sutilmente analisadas por ele, conduzem a mais dúvidas, que só fazem conduzir a mais dúvidas (MOISÉS, 2005, p.20).

Este estudo propõe aproximação com *Cancioneiro*, livro assinado por Fernando Pessoa. Mais especificamente, destina-se à investigação da categoria intelectual do pensamento na poesia do ortônimo. Como o ato de pensar contribui e interfere no trato das questões existenciais que afligem o poeta? Seria vício saudável, o de pensar?

Sem exatidão, o poeta derrama lento. Pessoa suspende tempos previstos.

2. O poeta de *Cancioneiro*

O livro estudado apresenta a maioria dos poemas em primeira pessoa, evidenciando um sujeito lírico que se narra, em busca de sentido. Considero a existência de apenas um sujeito lírico, personalidade única, a povoar os textos de *Cancioneiro*.

Ao que parece, a complexidade da questão dos heterônimos assola seu próprio criador. Pessoa nomeia seus três heterônimos mais conhecidos:

Construí dentro de mim várias personagens distintas entre si e de mim, personagens essas a que atribuí poemas vários que não são como eu, nos meus sentimentos e idéias, os escreveria. Assim têm estes poemas de Caetano, os de Ricardo Reis e os de Álvaro de Campos que ser considerados. Não há que buscar em quaisquer deles idéias ou sentimentos meus, pois muitos deles exprimem idéias que não aceito, sentimentos que nunca tive (1966, p.108).

Em outro momento, admite novos adeptos à lista das suas “personagens” ou, como ele mesmo especifica, das personalidades que viveu dentro de si (1990c, p.82):

Nunca me sinto tão portuguêsmente eu como quando me sinto diferente de mim - Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Fernando Pessoa, e quantos mais haja havidos ou por haver (1966, p.108).

Seria o Fernando Pessoa de *Cancioneiro* heterônimo disfarçado de ortônimo? É possível. A semelhança de nome entre o autor dos heterônimos assumidos e o poeta do *Cancioneiro* abriga trapaça com a língua (BARTHES, 1996) e provoca o leitor. Nesta leitura, imagino o ortônimo como um dos matizes do universo poético de Pessoa, que interessa em sua dimensão simbólica de figura fingida. Em outras palavras, importa a expressão poética da personalidade que se assenta sob a assinatura de Fernando Pessoa no *Cancioneiro*, independente de sua participação ou coincidência com a do autor humano. Um conceito útil a esta pesquisa é o de *fingimento*, tal como definido pelo ortônimo. Jacinto Coelho decifra: “exprimir poeticamente implica fingir - idéia que não constitui novidade para os leitores atentos de Pessoa” (apud PESSOA, 1966, p.xxix). Aborta-se, portanto, a noção de falsidade: fingir um sentimento seria dar-lhe contorno de arte. O poema “Autopsicografia”², que inclui reflexão sobre o ato criador, reafirma esta idéia. Maria de Lourdes Alves amplia: “Para Pessoa, fingir é conhecer-se” (1988, p.42). No ortônimo, a escrita poética opera como forma de auto-conhecimento.

O sujeito lírico do *Cancioneiro* concebe estranhamento: “Sou o ser que vê, e vê tudo estranho” (1990a, p.142). Percebe-se “doido que estranha sua própria alma” (1990a, p.111), estrangeiro de si mesmo. Assim lança - sobre si e sobre o mundo - um olhar inaugural: olhar de estrangeiro, empenhado em traduzir, em compreender. O ortônimo rastreia significados para o Desconhecido³ (1990a, p.113), assumindo poesia como amparo possível.

2 Este poema é definido por José Quesado como a “verdadeira arte-poética de Fernando Pessoa” (1978, p. 415).

3 O uso da maiúscula inicial é recurso recorrente no *Cancioneiro*.

“Emissário de um rei desconhecido/ eu cumpro informes instruções de além” (1990a, p.128), afirma o Pessoa ortônimo, aceitando a missão que reconhece como sua. Um conjunto de quatorze poemas chamado “Passos da Cruz”, presente no *Cancioneiro*, trata do caminho do poeta, predeterminado a uma vida de glória e dor, tal como Jesus Cristo. As referências bíblicas (título, número de poemas e analogias contidas nos versos) agregam valor e conferem uma certa gravidade à sorte do artista. Para o ortônimo, escrever é destino: “Há um poeta em mim que Deus me disse...” (1990a, p.124). Esta certeza não o abandona.

3. O vício de pensar

Álvaro de Campos definiu:

Fernando Pessoa é puramente intelectual; a sua força reside mais na análise intelectual do sentimento e da emoção, por ele levada a uma perfeição que quase nos deixa com a respiração suspensa (PESSOA, 1966, p.148).

O ortônimo vincula-se ao vício de pensar: “Estou preso ao meu pensamento/ Como o vento preso ao ar” (1990a, p.160). Assim também sua escrita:

[...] Tenho saudades de mim.
De quando, de alma alheada,
eu era não ser assim,
E os versos vinham de nada.
Hoje penso quando faço,
’Screvo sabendo o que digo...[...] (1990a, p.160)

No ortônimo de *Cancioneiro*, o pensamento reúne duas facetas: é corrosivo, já que o impede de ser feliz, de desfrutar a leveza advinda da falta de consciência das coisas; é produtivo, pois se desdobra em poesia. A lucidez inexorável o leva a pensar sobre o pensamento: “Fúria nas trevas o vento/ Num grande som de alongar./ Não há no meu pensamento/ Senão não poder parar” (1990a, p.160). Vento e pensamento têm como razão comum a impossibilidade de cessar.

Desse modo, o pensamento proíbe o ortônimo de apenas sentir, sem reflexão. Diz ele: “O que em mim sente ’stá pensando” (1990a, p.144), e completa: “Meus sentimentos são rastros./ Só meu pensamento sente...” (1990a, p.150). Procura ainda delimitar fronteiras entre sentimento e pensamento, para concluir:

Tenho tanto sentimento
Que é freqüente persuadir-me
De que sou sentimental,
Mas reconheço, ao medir-me,
que tudo isso é pensamento,
Que não senti afinal.[...] (1990a, p.172)

Pensar e sentir se tangenciam, aprisionando o ortônimo e suscitando angústia: “No mal-estar em que vivo,/ No mal pensar em que sinto,/ Sou de mim mesmo cativo” (1990a, p.174). Torna-se impossível seguir o ensinamento do mestre Caieiro, de compreender “com os olhos, nunca com o pensamento” (1990b, p.237), pois mesmo os sentidos, no ortônimo de *Cancioneiro*, associam-se ao pensamento. A partir deles, busca conhecer e construir significados: “Ah, nada, nada!/ Só os pesares/ De ter ouvido,/ De ter querido/ Ouvir para além/ do que é o sentido/ Que uma voz tem” (1990a, p.180). Persiste em vão a crença de Caieiro: “O único sentido íntimo das cousas/ Ê elas não terem sentido íntimo nenhum” (1990b, p.207). A investigação contínua da essência das coisas, norteadas pelo pensamento, acaba por gerar o cansaço, de que se queixa o eu lírico: “Cansa sentir quando se pensa” (1990a, p.163).

O ortônimo de *Cancioneiro* convive com a impossibilidade de desvendar o Desconhecido: “Cega, a Ciência a inútil gleba lavra./ Louca, a Fé vive o sonho do seu culto” (1990a, p.139). Foge-lhe a auto-definição: “Quem me dirá quem sou?” (1990a, p.145). O sentimento de irrealização e a consciência da insolubilidade do Mistério estimulam dúvidas sobre a validade do pensar incessante: “Eis o momento.../ Sejamo-lo... Pra quê o pensamento?...” (1990a, p.118). O sujeito lírico professa a inutilidade do pensamento: “Tudo de repente é oco -/ Mesmo o meu estar a pensar” (1990a, p.112). E a noção de vazio se repete: “Que inquieta ilusão!/
97

E esta sensação/ Oca, de ser cego/ No meu pensamento,/ Na minha vontade..." (1990a, p.120). Mas, para apoiar sua tentativa de conhecimento, resta-lhe o pensar, já que "sentir/ É não se conhecer" (1990a, p.166). Apesar do esforço de entendimento empreendido pelo ortônimo, arma-se um círculo vicioso que o enreda: "O meu mistério eu avivo/ Se me perco a meditar" (1990a, p.121).

Para Moisés, a poesia pessoana é "medularmente intelectualizada", pois

além de brotar das emoções, brota também, e indissociavelmente, da inteligência raciocinante. O que resulta desse inusitado consórcio é um desfiar cerradamente reflexivo, indagador e questionador de imagens, metáforas, cláusulas e associações que ostentam ou simulam notável rigor lógico. (2005, p.19)

O eu lírico de *Cancioneiro* reconhece que sua condição de pensador constante o condena à infelicidade: "Só quem puder obter a estupidez/ Ou a loucura pode ser feliz" (1990a, p.104). Por vezes, escapa-lhe o sentido da vida: "Trila na noite uma flauta. [...] Perdida série de notas vaga e sem sentido nenhum,/ Como a vida" (1990a, p.141). Nesse contexto, o eu lírico entrevê descanso no sono: "Dorme, que a vida é nada!/ Dorme, que tudo é vão" (1990a, p.176). Iluminam-se sono e morte, por vezes metaforicamente associados, como refúgios, como fontes de alívio: "Que é feito de tudo?/ Que fiz eu de mim?/ Deixa-me dormir,/ Dormir a sorrir/ e seja isto o fim" (1990a, p.119). Sob este prisma, o título do poema "Abdicação" antecipa desistência, desdobrando a metáfora do reinado: "Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços/ E chama-me teu filho./ Eu sou um rei/ Que voluntariamente abandonei/ O meu trono de sonhos e cansaços" (1990a, p.138). Ao mesmo tempo, a implacabilidade da morte tingida de angústia a poesia de *Cancioneiro*, que se amplia em imagens e associações:

Sermos, e não sermos mais!... Ó leões nascidos na jaula!...

Repique de sinos para além, no Outro Vale... Perto?
[...]

Tecedeiras viúvas gozam as mortalhas de virgens que tecem (1990a, p.110).

Atrelado a uma “inteligência demasiadamente enamorada pela análise e pelo raciocínio”, somada à “emotividade excessiva” (BERARDINELLI, 1985, p.253), o ortônimo de *Cancioneiro* alterna momentos de aceitação desta sua condição a outros de insatisfação e desejo de mudança. Frequentemente aspira à inconsciência:

Para que sou consciente se a consciência é uma ilusão?
Que sou eu entre quê e os fatos?
Fechai-me os olhos, toldai-me a vista da alma!
Ô ilusões! se eu nada sei de mim e da vida,
Ao menos goze esse nada, sem fé, mas com calma,
ao menos durma viver, como uma praia esquecida...
(1990a, p.130)

O ortônimo imagina felizes os que não pensam o que sentem, e confessa sua inveja:

Gato que brincas na rua
Como se fosse na cama,
Invejo a sorte que é tua
Porque nem sorte se chama.

Bom servo das leis fatais
Que regem pedras e gentes,
Que tens instintos gerais
E sentes só o que sentes.

Ês feliz porque és assim,
Todo o nada que és é teu.
Eu vejo-me e estou sem mim,
Conheço-me e não sou eu. (1990a, p.156)

Os últimos versos remetem à inutilidade do conhecimento. Por saber-se atado à sua condição, o eu lírico expressa desejo de mudança por meio de paradoxos, reforçando a impossibilidade de realização: “Ah, poder ser tu, sendo eu!/ Ter a tua alegre inconsciência,/ E a consciência disto” (1990a, p.144); “Ah, ser os outros! Se eu o pudesse/ Sem outros ser!” (1990a, p.176).

Em *Cancioneiro*, o ortônimo se descobre condenado à lucidez, emitindo lampejos de aceitação: “Se eu fosse outro, fora outro. Assim/ Aceito o que me dão” (1990a, p.177). Vislumbra a razão como único guia possível:

Guia-me a só razão.
Não me deram mais guia.
Alumia-me em vão?
Só ela me alumia.

Tivesse Quem criou
O mundo desejado
Que eu fosse outro que sou,
Ter-me-ia outro criado.

Deu-me olhos para ver.
Olho, vejo, acredito.
Como ousarei dizer:
“Cego, fora eu bendito”?

Como o olhar, a razão
Deus me deu, para ver
Para além da visão -
Olhar de conhecer.

Se ver é enganar-me,
Pensar um descaminho,
Não sei. Deus os quis dar-me
Por verdade e caminho. (1990a, p.160)

Neste poema, o eu lírico se curva aos desígnios de Deus. E deixa pender questões sem resposta, encaixes do Desconhecido. No espírito religioso e convicto dos mistérios impenetráveis da vida, sobejam preocupações metafísicas: *Cancioneiro* retém desejo de transcendência do mundo material. De acordo com Fernando Pessoa prosador, uma obra, para que seja sincera, deve incluir idéia metafísica:

Chamo insinceras às coisas feitas para fazer pasmar [como talvez alguns poemas iniciais do ortônimo], e às coisas, também - *repare nisto, que é importante* - que não contêm uma fundamental idéia metafísica, isto é, por onde não passa, ainda que como um vento, uma noção da gravidade e do mistério da Vida. (1990c, p.55)

O que não falta ao ortônimo de *Cancioneiro* é percepção do Mistério. Mas, apesar de todo seu esforço de compreensão, sopra o lamento: “Tudo é tão difícil de compreender!...” (1990a, p.120).

4. Considerações finais

A voz do ortônimo se levanta, em movimento inquieto: “Que desassossego!” (1990a, p.120). Ao que parece, Bernardo Soares recolheu título de tamanho justo ao *Cancioneiro*. O poeta rima consigo.

O timbre plural de Pessoa privilegia subjetividade: desejo de desvendar-se. *Cancioneiro* afia desconfiança e cultiva contradições em ritmo de lucidez. O vício persiste. Multiplica dúvidas, desencanta respostas. O ortônimo atrai consciência - de sua missão, do Desconhecido, da impossibilidade de penetrá-lo. Soa, em badaladas: “Tudo é mistério” (PESSOA, 1990c, p.38).

Pessoa se proclama paradoxo. Guimarães Rosa finge aprovar:

Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão (1986, p.21).

Cancioneiro é orquestra, o nome diz. Afina e desafina. Terminado, acende amor pela vida. E obedece ao que o poeta, em prosa, impõe: “A finalidade da arte é elevar” (1990a, p.226).

Tudo se dissolve, em Pessoa. Matéria bruta é poesia. E só. O resto carece de certeza.

Referências

- ALVES, M. de L. G.. Os modos do tempo em Pessoa. In: **Boletim do SEPESP - UFRJ**. 1988, v.2.
- BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1996.
- BERARDINELLI, C. À guisa de aparato genérico. In: BERARDINELLI, C., MATOS, M. (orgs.). **Fernando Pessoa – Mensagem**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2008.
- _____. A poesia de Fernando Pessoa. In: **O poeatar pensante**. Rio de Janeiro: Uapê, 1994.
- _____. **Estudos de Literatura Portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985.
- COELHO, J. do P. Fernando Pessoa, pensador múltiplo. In: **Páginas Íntimas e de Auto-interpretação**. Lisboa: Edições Ática, 1966.
- MOISÉS, C. F. **Almoxarifado de mitos**. São Paulo: Escrituras, 2005.
- PESSOA, F. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1990.
- _____. Cancioneiro. In: **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1990a.
- _____. O guardador de rebanhos. In: **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1990b.
- _____. **Obra em prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1990c.
- _____. **Páginas Íntimas e de auto-interpretação**. Lisboa: Edições Ática, 1966.
- QUESADO, J. C. B. Uma autopsicografia do processo de construção poética. In: **Actas do I congresso internacional de estudos pessoanos**. Porto: Brasília Editora, 1978.
- ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Recebido em 30/09/2009

Aceito em 30/11/2009